

ANO II - EDIÇÃO 2
Junho/2020

A OFS

Precisa
FALAR SOBRE...





A OFS PRECISA FALAR SOBRE...

Encarte de Formação da OFS do Brasil

CONTATOS

 Rua Adro de São Francisco, s/n, Saúde,
Zona Portuária, Rio de Janeiro - RJ
CEP 20081-290

 ofsbr@terra.com.br

 21 2240 - 4565

 www.ofs.org.br

REDES SOCIAIS

 www.facebook.com/OrdemFranciscanaSeculardoBrasil

 www.twitter.com/OFSBrasil

 www.instagram.com/ofsdobrasil

FICHA TÉCNICA

Organização:
Equipe Nacional de Formação

Arte e Diagramação:
Ricardo Meneses, OFS
@ricardomeneses.adm



Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

Sumário

Apresentação

PAG. 03

Por: Mayara Ingrid Sousa Lima
Coordenadora Nacional de Formação da OFS do Brasil

TEXTOS

Movimento Fé e Política: interpelações para o serviço JPIC em meio a uma pandemia mundial

PAG. 04

Por: Leandro Garcez Targa, OFS
Bacharel em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Ciência Política (UFSCar)
Coordenador Regional de JPIC da OFS de Minas Gerais
Membro do Movimento Fé e Política

A Economia de Francisco: construir novos caminhos

PAG. 11

Por: Frei Marcelo Toyansk Guimarães
Frade Capuchinho,
Animador da Comissão de Justiça, Paz e Integridade da Criação dos Frades Capuchinhos
Articulação Brasileira pela Economia de Francisco

Reflexões sobre o "VIVER COM"

PAG. 16

(Relações interpessoais na família e fraternidade)

Por: Jámille Mateus Wiles
Psicóloga Clínica e Escolar/Educacional.
Mestra em Psicanálise, Clínica e Cultura



APRESENTAÇÃO

Irmãos e irmãs da OFS do Brasil,
Paz e bem!

É com muito entusiasmo que apresentamos a segunda edição do Encarte de Formação da OFS do Brasil, com o título “**A OFS precisa falar sobre...**”. Esta produção da Equipe Nacional de Formação tem como objetivo principal apresentar às fraternidades locais do Brasil materiais formativos que tratem de temáticas, particularmente relacionadas à formação humana e social, temas que normalmente ainda são pouco abordadas em nossas fraternidades.

Esse segundo encarte chega até nós, em um momento complexo, onde a humanidade enfrenta uma grande pandemia biológica, mas também uma profunda crise sociopolítica. Em meio a tantas situações humanas e sociais que impactam profundamente nossas vidas e nos levam a refletir sobre nosso estilo de viver, nossas relações, modelo econômico e os sistemas governamentais, esperamos que esse material possa ajudar a esclarecer e propor novos caminhos para cada um de nós e nossas fraternidades. Por isso, cada texto poderá ser utilizado na nossa formação individual e também coletiva, nos momentos de partilhas familiares e nos encontros *online* de nossas fraternidades.

Desejamos que esse encarte chegue a todas as fraternidades do Brasil, trazendo luz e esperança para nossa caminhada.

Fraternalmente,

Mayara Ingrid Sousa Lima, OFS

Coordenadora Nacional de Formação da OFS do Brasil





MOVIMENTO FÉ E POLÍTICA: INTERPELAÇÕES PARA O SERVIÇO JPIC EM MEIO A UMA PANDEMIA MUNDIAL

Por: Leandro Garcez Targa, OFS
Bacharel em Ciências Sociais, Mestre
e Doutor em Ciência Política (UFSCar)
Coordenador Regional de JPIC da OFS de Minas Gerais
Membro do Movimento Fé e Política

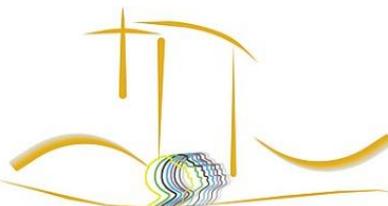
Estes três temas estão em íntima relação. O Movimento Fé e Política possui uma trajetória de mais de 30 anos no Brasil, seguindo os passos da nossa Igreja Latino Americana que, na década de 1960, influenciou profundamente o Concílio Vaticano II: reforma da Igreja tão importante e necessária, a qual nosso Papa Francisco é entusiasta e vem resgatar com maestria em seu pontificado. O Serviço JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação) pode ser compreendido como uma atuação inspirada nos princípios que formam o Movimento Fé e Política e a tradição da Doutrina Social da Igreja, além de ter no carisma franciscano e clariano uma de suas bases de sustentação. Como isso tudo pode nos ajudar a encontrar saídas nesse atual momento de crise epidemiológica da Covid-19?

DOIS EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÃO FÉ E POLÍTICA NO BRASIL

O Movimento Nacional Fé e Política foi fundado em junho de 1989 e possui representações em todo território nacional. É um grupo informal, formado por pessoas que professam a fé cristã, e que promovem ações em todo território nacional de formação e estímulos a grupos de reflexão. Além dos diversos encontros que promoveram ao longo dessa história, em 1999, quando o Movimento completou 10 anos, passou a promover também grandes Encontros Nacionais de Fé e Política. Sua organização é simples, a maior parte de seu trabalho é feita por voluntários espalhados por todo o país. “O Movimento define-se como ecumênico,



não-confessional e não-partidário. Embora quem professa a Fé cristã normalmente afilia-se a uma determinada confissão ou Igreja, o Movimento enquanto tal não pertence a nenhuma Igreja, nem a um conjunto de Igrejas cristãs (como são os organismos ecumênicos em sentido estrito). O mesmo se dá no plano partidário: muitos membros do Movimento são afiliados a um Partido, mas não o Movimento enquanto tal”¹.



Fundado em 2004, o Centro Nacional Fé e Política “Dom Helder Câmara” (CEFEP) é uma instituição formalizada, ligada a Conferência Nacional dos

¹ Palavras de Pedro A. Ribeiro de Oliveira, membro da Coordenação Nacional do Movimento Fé e Política. Ver: <http://fepolitica.org.br/historico/historico-do->

movimento-nacional-fe-e-politica/ (último acesso em 09/04/2020).

Bispos do Brasil (CNBB) – sob a coordenação da Comissão Episcopal para o Laicato. Apresenta como atividades básicas: um Curso Nacional de Formação Política para os cristãos leigos e leigas; a manutenção de uma rede de assessores de formação em Fé e Política e a promoção de articulação e intercâmbio entre as diversas Escolas locais de Fé e Política espalhadas pelo país. Um dos marcos históricos que inspiraram a fundação do CEFEP foi “a Campanha da Fraternidade

de 1996, sobre a ‘Fraternidade e a Política’, [que] despertou para novas experiências no engajamento político dos cristãos, sobretudo com a criação de Escolas de Fé e Política, Centros de Direitos Humanos, cursos sobre o Ensino Social da Igreja, Movimentos específicos para a formação política dos cristãos, envolvendo sobretudo as pastorais sociais da Igreja e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”².

FÉ E POLÍTICA: DIMENSÕES DA VIDA CRISTÃ INSEPARÁVEIS

Os movimentos e grupos de Fé e Política partem de um mesmo princípio: não existe separação entre a profissão de fé cristã e o ato de se fazer política. Esta afirmação se dá a partir de uma definição básica de “política” que talvez estejamos esquecendo a medida em que o tempo passa. Quando escutamos a palavra “política”, qual a primeira coisa que nos vem à mente? Corrupção? Sujeira? Algum partido político ou personalidade política em específico?

Por falta de espaço neste texto e por não querer fugir do tema, trabalhem com uma definição de “política” que escape um pouco dos tratados acadêmicos e filosóficos: política é o ato de se fazer escolhas, tendo em vista as relações que temos com as outras pessoas ao longo da história. Sendo assim, qualquer cristão já é um político, por princípio, quando escolheu a fé cristã para professar e seguir em sua vida. O ato de escolhermos seguir Jesus nos seus ensinamentos de como construir o Reino de Deus na Terra é um dos atos políticos mais fortes que existem.

Foi a Igreja da América Latina que, nas últimas décadas, ajudou a Igreja a redescobrir a importância existente em um dos elementos básicos da fé cristã: a escolha (ato político) de

colocar os pobres e marginalizados no centro da revelação do mistério de Deus. Estamos redescobrimo que foi escolha de Deus (ato político a partir de Sua infinita misericórdia) enviar Seu filho para a Terra, Jesus pobre e marginalizado, para nos mostrar que o Reino se faz quando o amor é ilimitado a cada criatura, humana e não humana, e que a existência de pobres e marginalizados (materialmente ou existencialmente) são incompatíveis com as vontades Dele, pois são a prova de que a falta de amor está prevalecendo entre nós. Jesus viveu para nos ensinar que temos que fazer escolhas (fazer política) para que a vontade de Deus prevaleça: precisamos escolher viver em nossas vidas e apoiar as iniciativas que geram vida, solidariedade e coletividade. Por consequência, precisamos escolher excluir de nossas vidas e recusar as iniciativas que trazem morte, egoísmo e individualismo. Isso é fazer política: fazer escolhas. Nós cristãos as fazemos tendo um referencial de valores

muito claro: o cristianismo. Por isso que, para nós cristãos, rezar para Deus e seguir a Jesus é fazer uma escolha das mais radicais, ou seja, rezar é fazer política. Portanto não faz sentido separar uma ação da outra.

POLÍTICA É O ATO DE SE FAZER ESCOLHAS, TENDO EM VISTA AS RELAÇÕES QUE TEMOS COM AS OUTRAS PESSOAS AO LONGO DA HISTÓRIA. SENDO ASSIM, QUALQUER CRISTÃO JÁ É UM *POLÍTICO*, POR PRINCÍPIO, QUANDO ESCOLHEU A FÉ CRISTÃ PARA PROFESSAR E SEGUIR EM SUA VIDA.

² Trecho do documento de aprovação do CEFEP pela CNBB – Pe. Ernanne Pinheiro. Disponível em <http://www.cefep.org.br/proposta-do-centro-nacional->

[de-fe-e-politica-dom-helder-camara/](http://www.cefep.org.br/proposta-do-centro-nacional-de-fe-e-politica-dom-helder-camara/) (último acesso em 09/04/2020).

A PRÁTICA DE FÉ E POLÍTICA: A CARIDADE E SUAS DUAS DIMENSÕES



A ação de intervenção na realidade é uma característica que marca os grupos de Fé e Política. Esta ação concreta do cristão pode ser denominada caridade. A caridade cristã é o ato em si de aplicação na prática, na realidade vivida, do princípio teórico de fé e política. Contudo, existe uma tendência forte na tradição de nossa Igreja de reduzir a caridade a ações de assistência aos pobres e marginalizados material e existencialmente, em seus problemas emergenciais e imediatos. Prestar assistência a pessoas com fome distribuindo alimentos, visitar doentes e idosos, organizar “campanhas do agasalho” etc. sem dúvidas são ações necessárias, importantes e evangélicas. Contudo, não são suficientes para abarcar todas as dimensões que formam o princípio da caridade cristã, na sua opção de centralidade dos pobres e marginalizados material e existencialmente.

Há uma segunda dimensão da caridade cristã que geralmente se negligencia: é a ação que procura organizar a sociedade na busca por justiça e direitos de todas as criaturas da Terra, igualmente filhas e filhos de Deus. Tão importante quanto saciar a fome e a sede de quem as tem hoje é agir para que estes não voltem a sentir fome e sede amanhã. Para isso, nós cristãos precisamos praticar a dimensão da caridade que diz respeito a transformações socioestruturais da sociedade em que vivemos, assim como Jesus nos ensinou. Jesus propôs mudanças profundas na maneira de vivermos em sociedade, ao mesmo tempo em que promovia atos para aliviar o sofrimento

imediato das pessoas a margem da sociedade. A caridade praticada apenas na sua dimensão assistencial não dá conta de transformar as estruturas sociais que são a raiz dos problemas que se está prestando assistência. Por exemplo, distribuir todos os dias alimentos para moradores de rua é importantíssimo, mas não é suficiente para que num futuro próximo não existam mais moradores de rua. E nós cristãos, que temos a missão de construir o Reino de Deus na Terra, a civilização do amor, não podemos nos contentar com ações que não ataquem as raízes dos problemas sociais que impedem que o Reino se concretize na sua completude. Seguindo o exemplo anterior, ao mesmo tempo em que nos organizamos para distribuir alimentos para os moradores de rua, precisamos também agir para conhecer suas histórias, seus problemas que os levaram àquela condição, conhecer e reivindicar seus direitos para que se faça justiça com eles. Vamos construir junto com eles os caminhos para que não precisem mais matar sua fome a partir da distribuição de alimentos, para que não tenham apenas vida, mas que tenham vida em abundância, como Deus quer que tenhamos.

Portanto, o Movimento Fé e Política vem nos lembrar princípios básicos de nossa fé cristã. Para seguirmos os caminhos de Jesus, para sermos cristãos por inteiro e não pela metade, em primeiro lugar: não podemos nos contentar em reduzir nossa fé em ações para dentro da Igreja. Ir à missa, participar de todas as ações contemplativas

da religião, sermos ativos na organização interna da paróquia é apenas uma parte de um conjunto de três partes que integram nossa prática cristã. Fazer essa parte é de fundamental importância, afinal de contas a Igreja é o lugar onde “recarregamos nossas baterias”, nos enchemos do Espírito Santo, para agir no mundo. Do que adianta vivermos cheios do Espírito e não espalharmos Ele pelo mundo? Portanto, a contemplação é importante na vida cristã, mas é apenas um terço de todo potencial de ação cristã que temos que ter para construir o Reino de Deus na Terra.

Em segundo lugar, uma vez convencidos que devemos praticar a fé cristã sobretudo fora dos muros da Igreja, que para sermos cristãos completos não basta apenas a “conversão do coração”, pois devemos praticar a caridade principalmente com os pobres e marginalizados material e existencialmente, ainda não podemos nos

contentar em reduzir nossos esforços de atuação na realidade apenas a partir de atos de assistência a necessidades imediatas. Dar comida a quem tem fome, abrigo a quem tem frio, etc. é fundamental, mas apenas mais um terço de nosso potencial de construção do Reino. Para sermos cristãos completos, não podemos nos esquecer de agir para transformar as estruturas sociais que impedem que o Reino se concretize. Devemos atuar para atacar os problemas sociais pela raiz, nos organizando e agindo para alcançar resultados de longo prazo e duradouros. Desta forma, as três partes que nos qualificam como efetivos agentes da construção do Reino de Deus (contemplação, caridade assistencial e caridade sócio transformadora) precisam andar juntas, serem praticadas ao mesmo tempo. Apenas uma ou duas delas sem a(s) outra(s) não é(são) suficiente(s) para que possamos ser cristãos em plenitude, como Jesus nos ensinou com sua vida.

O SERVIÇO JPIC PARA NÓS, FRANCISCANOS E CLARIANOS

O serviço JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação), para nós que bebemos do carisma de Francisco e Clara, é a maneira mais próxima de seguirmos os caminhos do Movimento Fé e Política. O XV Capítulo Geral Ordinário da OFS, que aconteceu em novembro de 2017, em Roma, fixou o nome JPIC em nível mundial. Antes, conhecíamos esse serviço por outros nomes: “Coordenação de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação” (COODHJUPIC) ou então “Presença no Mundo”. O evento de Roma também definiu o JPIC como serviço prioritário a ser praticado em todas as fraternidades franciscanas do mundo, assim como também criou o Secretariado Geral JPIC. Aqui no Brasil, a OFS nacional organizou o I Encontro Nacional de Formação de animadores JPIC/OFS, em setembro de 2019, no Rio de Janeiro. O encontro teve o objetivo de promover reflexões sobre a organização do serviço JPIC no Brasil de acordo com nossa Regra, Constituições Gerais e Conselho Internacional. Foi produzida uma cartilha

como resultado desse esforço, além de apresentado um mapeamento de ações JPIC que já acontecem pelo Brasil.

Mas o que é o JPIC? Justiça, Paz e Integridade da Criação não são 3 elementos separados. Assim como nossa trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) são três dimensões de um só Deus, também precisamos entender Justiça, Paz e Integridade da criação como três dimensões de uma mesma realidade de vida que não podemos negligenciar. O serviço JPIC, antes de ser um conjunto de ações de intervenção na realidade, é um estado do Ser franciscano. É um serviço que contém todos os 4 elementos da identidade franciscaniana: fraternidade e minoridade; contemplação e missão apostólica.

JPIC é a “justiça” a que São Mateus se refere nas Sagradas Escrituras: “Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10).

É a justiça com todas as filhas e filhos de Deus que Jesus nos ensinou e que, por isso, foi perseguido, torturado e morto pelos poderosos de seu tempo que não

JPIC É A “JUSTIÇA” A QUE SÃO MATEUS SE REFERE NAS SAGRADAS ESCRITURAS: “FELIZES OS PERSEGUIDOS POR CAUSA DA JUSTIÇA, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS” (MT 5,10).

praticavam e não estavam interessados em praticar essa justiça. É a justiça que liberta os pobres e marginalizados das opressões que os ricos e poderosos exercem sobre eles ainda nos tempos de hoje, como foi também no tempo de Jesus. Justiça que Santa Clara e São Francisco de Assis tão bem entenderam de Jesus e praticaram, mesmo sendo acusados de loucos. A justiça do Serviço JPIC é a vida, e vida em abundância para todos os filhos de Deus! É justo um mundo em que uns “tem mais vida” que outros? Pensar a justiça de Deus é entender que há uma justiça para muito além do mérito individual, há uma justiça divina que abraça até quem está em falta, uma justiça aliada à misericórdia infinita de Deus.

JPIC é a “paz” de São Mateus: “Felizes os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!” (Mt 5,9). A paz que São Francisco e Santa Clara aprenderam de Jesus e nos ensinaram com muita destreza. Paz cuja principal fonte é viver o privilégio da pobreza (material e existencial). Neste sentido, os santos coletivistas e fraternalistas de Assis nos mostraram que a paz individual é apenas o início da construção da verdadeira Paz de Deus, que deve ser para todas e todos. Não adianta buscarmos a paz individual se ao nosso redor tudo está um caos. A Paz de Deus só é real

JPIC É A “PAZ” DE SÃO MATEUS:
 “FELIZES OS PACÍFICOS, PORQUE SERÃO
 CHAMADOS FILHOS DE DEUS!” (MT
 5,9). A PAZ QUE SÃO FRANCISCO E
 SANTA CLARA APRENDERAM DE JESUS
 E NOS ENSINARAM COM MUITA
 DESTREZA.

se está acompanhada da Justiça para com os pobres e marginalizados material e existencialmente. Portanto, a Paz de Deus é ativa, transformadora, motivadora e não passiva, indiferente as mazelas do mundo.

Finalmente, JPIC é “Integridade da Criação” pois nós precisamos entender que Deus nos criou para vivermos a fraternidade universal, como todos Seus filhos e filhas, humanos e não humanos. São Francisco e Santa Clara nos mostraram que a fraternidade universal não pode ser compreendida se não pelos princípios de minoridade e serviço, onde todos os seres fraternos, filhas e filhos de Deus, vivem para servirem uns aos outros, e não para dominar ou oprimir uns aos outros. Na fraternidade universal não existe separação lógica entre seres humanos e natureza, portanto, não deve existir também a dominação de uns pelos outros. São Francisco e Santa Clara, a exemplo de Jesus, nos mostram que não é vontade de Deus que exista opressão dos seres humanos para a natureza e nem de seres humanos entre si. Princípio que nossos irmãos indígenas e

quilombolas entendem e praticam tão bem e que precisamos ser humildes em aprender com eles para nos tornarmos melhores cristãos a exemplo de Francisco e Clara de Assis.

COMO PRATICAR O SERVIÇO JPIC?

O serviço JPIC é uma prática coletiva, em rede.

Em fraternidade: a(o) animadora(or) JPIC é parte integrante da Equipe de Formação. Ou seja, é parte integrante do Conselho da sua fraternidade! Ajuda a propor temas para a formação da fraternidade. A formação JPIC sempre deve ser acompanhada de uma ação posterior, ou seja, deve ser uma reflexão que ajude a organizar uma ação concreta na realidade.

Na família franciscana e em outras famílias espirituais: a(o) animadora(or) JPIC de cada fraternidade deve fazer parte da rede de animadores JPIC em âmbito regional, nacional e até mundial. A troca de experiências e ideias deve ser uma dinâmica inerente do serviço JPIC.

Na vida em sociedade: a(o) animadora(or) JPIC de cada fraternidade deve estar em contato contínuo com pastorais sociais de paróquias e dioceses, Escolas de Fé e Política, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), etc. Assim como também com instituições fora da Igreja (movimentos populares, Estado, etc.).

O serviço JPIC, a exemplo do Movimento Fé e Política, tem o objetivo de despertar as fraternidades da OFS para serem presença ativa na sociedade, serem instrumento de Deus para transformarem nossa realidade, unindo esforços num serviço mundial presente em todos os ramos da Família Franciscana e outras Famílias espirituais.

PANDEMIA DO COVID-19: O QUE PODEMOS FAZER?



Os princípios e valores do Movimento Fé e Política, destacados até aqui, nos mostram caminhos para enfrentarmos problemas de nossa realidade. Em tempos de emergência de saúde que nos leva a vivermos esta atual crise social e política em nosso país, como encontramos respostas no Movimento Fé e Política?

Em primeiro lugar, essa atual realidade nos escancara um princípio básico de vida que por vezes podemos esquecer: ações individuais geram efeitos coletivos. Esse momento de crise veio nos lembrar que nossa vida individual é fundamentada nas relações que construímos com os seres ao nosso redor, ou seja, não é possível ignorar que nossas vidas, dos filhos e filhas de Deus, ao redor do mundo, estão absolutamente entrelaçadas. Quem ainda não entendeu o sentido de “fraternidade universal”, não pode sair dessa crise sem entendê-la. Apenas se a maioria de nós fizer a escolha (política) no sentido da fraternidade universal, baseada na minoridade e serviço, é que podemos vislumbrar um mundo melhor durante e depois dessa crise.

Em segundo lugar, a Paz de Deus, ativa, transformadora, motivadora e não uma paz passiva, medrosa e indiferente as mazelas do mundo, nesse momento nos leva a pensarmos no próximo e praticarmos o distanciamento social para minimizarmos os efeitos da pandemia. “Ficar em casa” ao máximo e saber discernir quem quer plantar o ódio e caos social em nome “da economia” é um ato de fé (e por consequência um ato político) dos mais importantes. Quem enxerga

e anuncia que existem apenas dois caminhos nesse momento: ficar em casa (sem trabalhar) e morrer de fome ou sair para ganhar seu sustento e se arriscar a morrer de Covid-19, não quer que enxerguemos que em momentos como esses o Estado deve ser ativo e agir no sentido de uma terceira alternativa: nos garantir o sustento material mínimo para que possamos nos resguardar da doença e, ao mesmo tempo, proteger aqueles cujo trabalho é essencial para a manutenção da nossa vida em sociedade. Não importa agora se “a economia” vai ficar prejudicada. Reerguer “a economia” é possível no futuro, reaver vidas não é. Esse é um momento importante para nos questionar: que economia é essa que precisa sacrificar vidas humanas e não humanas para existir? É possível termos uma outra economia, popular, solidária, que fica mais forte a medida que gera mais vida (e vida em abundância) ao invés de morte? Sim, é possível! É importante nesse momento buscarmos a Paz de Deus que nos permita discernir criticamente a vontade Dele para nossas vidas e nosso mundo.

Em terceiro lugar, não nos basta enxergar o mundo atual e entender que o princípio da fraternidade universal é a nossa solução. Não nos basta, além disso, termos a Paz necessária para discernir a vontade de Deus nesse momento e afastar os falsos messias de nossas vidas. É preciso que também tomemos atitudes! Precisamos ser protagonistas de ações coletivas e organizadas para que a justiça de Deus se faça nesse momento e também depois que essa crise passar. Já nos perguntamos, por

exemplo, como as pessoas que dormem nas ruas vão “ficar em casa” nesse momento de emergência de saúde? Mais do que nunca, precisamos levar nossa missão cristã a sério e não descansarmos enquanto todos os filhos e filhas de Deus não estiverem seguros e protegidos nesse momento de crise. Devemos

nos organizar para colocar “a mão na massa”, assim como cobrar quem precisa ser cobrado para que sejam protegidos principalmente os mais vulneráveis. Isso pode ser feito aí, na sua fraternidade, no seu território. Como São Francisco e Santa Clara, a exemplo de Jesus, fariam se estivessem aqui entre nós hoje.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- Você ou sua fraternidade conhecem e já tomaram contato com alguma Escola de Fé e Política mais próxima?
- Sua fraternidade já possui um Serviço JPIC ativo: com animador (a) designado?
- Neste momento de crise, você e sua fraternidade estão seguindo as orientações de quem quer seu bem e o bem coletivo e refutando as ideias de quem prego o ódio, o caos e prefere “a economia” ao invés da vida?
- Neste momento de crise, você e sua fraternidade estão organizando ações coletivas ou se juntando a iniciativas já existentes para cobrar coletivamente quem precisa proteger os mais vulneráveis?

SUGESTÃO DE LEITURAS:

- Site do Movimento Fé e Política: <http://fepolitica.org.br/>
- Site do Centro Nacional Fé e Política “Dom Helder Câmara” (CEFEP): <http://www.cefep.org.br/>
- Cartilha JPIC nacional: <http://ofs.org.br/noticias/item/1874-ofs-divulga-documento-final-do-encontro-nacional-de-jpic>
- Livro: “Teologia em saída para as periferias” de Francisco de Aquino Júnior. Comentário em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589250-teologia-em-saida-para-as-periferias>



The ECONOMY of
FRANCESCO

A ECONOMIA DE FRANCISCO: CONSTRUIR NOVOS CAMINHOS

Por: Frei Marcelo Toyansk Guimarães
Frade Capuchinho,
Animador da Comissão de Justiça, Paz
e Integridade da Criação dos Frades Capuchinhos
Articulação Brasileira pela Economia de Francisco

Economia de Francisco é o grande encontro convocado pelo Papa Francisco para “repensar” a atual economia que destrói o meio ambiente, aumenta o desemprego e a pobreza, e concentra a riqueza cada vez mais nas mãos de poucos super-ricos. Este Encontro ocorrerá de 19 a 21 de novembro de 2020, em Assis, Itália, chamado pelo Papa de “Economia de Francisco”, inspirando-se em Francisco de Assis para uma nova economia, com relações mais justas e fraternas. Ele convoca a todos para uma economia mais justa, sustentável e sem exclusão de ninguém, configurando-se como uma proposta de sobrevivência, pois a economia atual está levando o planeta e a humanidade ao colapso. Por isso, têm-se formado inúmeros grupos locais da Economia de Francisco, para trazer “vida” à atual economia, onde:

- A riqueza do mundo poderia propiciar, atualmente, a cada família, no planeta, renda de 12 mil reais por mês! Mas 800 milhões de pessoas passam fome no mundo e 5 mega bilionários têm a mesma riqueza que 3,5 bilhões de pessoas!

- No Brasil, as famílias pagam 100% de juros ao ano nas compras a prazo e em empréstimos (na Europa, são de 5%). São mais de 60 milhões de endividados em nosso país, que não conseguem mais comprar!

- No Brasil, para as empresas, os juros são de 50% ao ano (na Europa, são menos de 2%)!

- Famílias e pequenas empresas, assim, pagam R\$ 1 trilhão de juros por ano aos bancos (www.dowbor.org/ veja no youtube: “10 minutos para entender economia” de “Ladislau Dowbor”).

- O Estado brasileiro, por meio dos juros da dívida pública (com inúmeras irregularidades), paga anualmente mais R\$ 1 trilhão aos bancos e aos aplicadores do

mercado financeiro (40% de toda a receita do país – www.auditoriacidada.org.br/)!

- O dinheiro está concentrado nas mãos dos banqueiros, as famílias não conseguem comprar, as empresas não vendem, o Estado não investe, trava a economia: aqui está a crise do Brasil!

- Por isso, nos últimos 7 anos, o número de bilionários triplicou no Brasil. Em 2012, eles possuíam R\$ 340 bilhões e hoje têm R\$ 1,2 trilhão (conforme pesquisa da Revista Forbes em 2019).

- Em 2019, a população brasileira desempregada cresceu 10% (mais 1,2 milhão de pessoas) em relação a 2018 (texto-base da Campanha da Fraternidade 2020, nº 36).

- Esses bilionários não produzem nada a mais, nem geram empregos, só sugam a riqueza pelos altos juros. Eles retiram o dinheiro dos impostos e dos pobres, com graves cortes na saúde, educação, aposentadoria e habitação! Agora com a pandemia, percebemos quão graves são os cortes na saúde!

Por outro lado, o dinheiro, quando está no meio do povo, circula muito, as famílias compram e usam serviços, faz crescer o PIB, gera empregos, o Estado arrecada mais e tudo isso, em conjunto faz com que o país de desenvolva. O Papa

diz ser urgente “trazer alma” às relações econômicas, pois, do jeito que estão hoje, matam as pessoas e devastam o planeta. Uma nova economia requer uma grande mudança no pensar, com o ser humano e o meio ambiente no centro das preocupações, como o próprio Evangelho ensina. Por isso, é importante também fazer crítica a essa atual economia. Diante de tudo isso, não podemos aceitar o desmonte das políticas públicas que afetam os mais pobres. Precisamos promover economias solidárias e bancos comunitários, organizar articulações locais e regionais para lutar pela distribuição de renda e justiça social, e, assim, participaremos da Economia de Francisco (www.ecofranbr.org). Sobre os bancos comunitários, ver em www.edinheiro.net.br, site da moeda social “e-dinheiro” e dos mais de 100 bancos comunitários do Brasil. Por esse site (aplicativo) pode-se pagar as contas e boletos sem anuidade e taxa mensal, além de contribuir com os valores para a economia solidária.

Com essa breve apresentação da urgência de um grande movimento mundial para uma nova economia, temos na carta do Papa em que convoca a este Encontro: “para promover juntos, através de um ‘pacto’ comum, um processo de mudança global que veja na comunhão de intenções não somente aqueles que têm o dom da fé, mas todos os homens de boa vontade, para além das diferenças de credo e de nacionalidade, unidos por um ideal de fraternidade atento, sobretudo, aos pobres e excluídos”. E, para isso, o Papa é inspirado em Francisco de Assis: “Francisco se despojou de todo o mundanismo para escolher Deus como estrela guia de sua vida, tornando-se pobre com os pobres e irmão universal. Sua escolha de pobreza também deu origem a uma visão da

O PAPA SE INSPIRA EM FRANCISCO DE ASSIS PARA REVER A ECONOMIA ATUAL! E NÓS, FRANCISCANOS, NÃO PODEMOS ESTAR ALHEIOS A ESTE MOVIMENTO. NÓS, QUE VIVENCIAMOS ESSE CARISMA, PODEMOS AJUDAR MUITAS PESSOAS A CONHECEREM O QUE FRANCISCO E CLARA DE ASSIS TÊM A CONTRIBUIR PARA O MUNDO DE HOJE E PARA UMA NOVA ECONOMIA.

economia que permanece muito atual. Pode dar esperança ao nosso amanhã, para o benefício, não só dos mais pobres, mas de toda humanidade”.

O Papa se inspira em Francisco de Assis para rever a economia atual! E

nós, franciscanos, não podemos estar alheios a este movimento. Nós, que vivenciamos esse carisma, podemos ajudar muitas pessoas a conhecerem o que Francisco e Clara de Assis têm a contribuir para o mundo de hoje e para uma nova economia. Isso é para o benefício de toda a humanidade, o que nos faz pensar sobre o que estamos vivendo com os efeitos críticos da pandemia do coronavírus. Na humanidade sempre tivemos intempéries, momentos mais difíceis, como tempestades, inundações, secas, além dos provocados diretamente pelo próprio ser humano, como as guerras e escravidões. De qualquer forma, sempre houve situações da natureza que nos limitaram. Acostumamos, porém, a um conforto, com água encanada, energia, contatos on-line, comida acessível, que nos passou a ideia ilusória de não sofreremos mais pelos limites da natureza. Ilusão, como mostra a pandemia atual, lembrando-nos como somos frágeis e limitados, precisamos uns dos outros e fazendo-nos perceber que a humanidade só sobreviveu na história, porque houve muito mais colaboração do que competição.

Além de recordar nossa limitação e fragilidade humana, a pandemia nos faz rever o modelo que construímos de sociedade e de economia. Alguns estudos apontam que a chegada desse vírus até o ser humano se deu por causa do excessivo desmatamento, levando animais selvagens a se aproximarem das pessoas. Além disso, o vírus é muito infeccioso e tem atingido as pessoas nas mais diversas realidades sociais, propagando-se com efeitos muito nefastos, sobrecarregando os hospitais e tendo efeitos muito sérios ao organismo, o que pede medidas muito radicais para evitar uma explosão da epidemia. Daí a necessidade do isolamento social, fazendo com que todos fiquem em casa, tendo a

menor circulação de pessoas possível e um cuidado muito grande com a higiene e a saúde. Isso faz pensar naqueles desprovidos de casa ou mesmo sem uma habitação digna, como padecem milhares de pessoas em situação de rua, população que praticamente dobrou nos últimos anos em nossas cidades, bem como as áreas de periferia, contando também, nos últimos anos, com a redução drástica de construções populares pelos governos. Como se não bastasse, há dois anos, o governo “congelou” os investimentos em saúde e educação no Brasil, o que vem, junto de outras medidas ruins, desconstruindo esses sistemas em nosso país. Com isso, muito menos atendimentos, menos recursos nos hospitais para se enfrentar, por exemplo, essa séria pandemia do coronavírus.

Isso tudo faz pensar como há pessoas e grupos que são contra a vida. Nós, que vivemos a Campanha da Fraternidade nesse ano, caminhamos na frase de Jesus “viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34). Com olhos atentos, coração sensível e mão pronta a ajudar, percebemos como é importantíssimo um sistema de saúde que atenda a todos, com mais recursos e estruturas. Por isso, defendemos o fortalecimento do SUS, que é onde os pobres se dirigem quando precisam. Também é importante que todos os trabalhadores informais e que ganham pouco recebam a “renda emergencial” para poderem ficar em casa, preservando sua vida e dos seus. Aliás, para que pagamos tantos impostos? Os impostos servem para esses momentos críticos do povo e não para enriquecer escandalosamente os bancos!

Podemos ler um texto muito importante do economista que atua conosco na Economia de Francisco no Brasil, o professor Ladislau Dowbor (www.dowbor.org/2020/03/ladislau-dowbor-alem-do-coronavirus-5p.html). Nesse texto ele denuncia como grandes empresas desprezam



a vida do povo, o que não é novidade. Por isso, precisamos saber que temos de nos fortalecer juntos pela vida: “As corporações sempre conheceram perfeitamente, muito antes de nós, o tamanho dos desastres que contribuem para gerar. As empresas de cigarro conheciam, por pesquisas internas, a relação do uso do cigarro com o

desenvolvimento de câncer e os milhões de mortes que ocasionavam - e que continuam a fazer - enquanto o negavam publicamente. As construtoras de automóveis conhecem perfeitamente o volume de emissões de partículas que seus carros produzem e sabem que estão contribuindo com cerca de 6 milhões de mortes anualmente no mundo, ocasionadas indiretamente por esse tipo de poluição. As Empresas Mineradoras Brasileiras sabem como construir uma barragem segura - somos um país que teve capacidade de erguer, por exemplo, a hidrelétrica de Itaipu, porém, aqui também os interesses financeiros dominam, gerando construções mais baratas e pouco seguras.

Precisamos aprender novamente de Francisco e Clara de Assis o cuidado da vida e, principalmente, da vida mais frágil. Como nos diz frei Luiz Susin, “preocupar-se demais com o pão para si é materialismo e consumismo, mas cuidar do pão para os outros é espiritualidade”. O caminho franciscano une, como o bom samaritano, sentimento e ações, a compaixão e atitudes concretas, até as últimas consequências para restaurar a vida em seu todo. É um amor completo, que não pode parar na compaixão sem atitudes, como acontece às vezes conosco, só assistindo na TV as misérias, injustiças, a destruição do meio ambiente e o desvio enorme de recursos pelos bancos, que sugam com altos juros, mas precisamos ser como o samaritano, que se compadece e tem a atitude de ajudar! Por outro lado, também não tem só ações sem sentimento de compaixão e amor, se reduzindo a várias ações com má vontade ou só por obrigação.

Cristo sempre tem esse amor completo com a gente e faz tudo para que tenhamos vida e em plenitude (Jo 10,10). Nós, igualmente, como cristãos, “outros Cristo”, vamos nos passos do Mestre, com amor misericordioso e atitudes pessoais e comunitárias de cuidado, doação e solidariedade! Santa Dulce dos pobres fez isso, ocupando uma casa abandonada, no primeiro momento, para acolher os pobres muito doentes! Ela não mediu esforços e foi até o fim. Francisco de Assis nos ensina construirmos relações fraternas, que acolhem os mais pobres, como fala sobre isso ainda frei Luiz Susin: “prepara-se a mesa para todos, ou seja, também para os ‘leprosos’, para os doentes e para os que não têm a graça de trabalhar, os que não conseguem mais ou ainda não conseguem trabalhar –

idosos, órfãos, desafortunados. Todos, inclusive os frades que não recebem pagamento, são convidados do Senhor à mesa posta pela esmola... E a mendicância é uma evangelização, na medida em que pedir provoca o dom, a generosidade e, sobretudo, o reconhecimento de que o Bem comum vem antes da apropriação particular. Quando se bate à porta para pedir, se está implicitamente anunciando a boa nova de que temos os bens da terra e do trabalho – que são graça e não mérito – tudo em comum. Em outras palavras, não apenas o que é meu também é teu, mas o que é teu também é meu, é nosso, é de todos” (ler o texto em: www.jplic.capuchinhos.org.br/blog/a-economia-de-sao-francisco-por-frei-luiz-susin).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Como criamos e alimentamos em nós a solidariedade, a exemplo do bom samaritano da parábola? Como viver a solidariedade com os mais pobres e frágeis mesmo neste tempo de quarentena e isolamento social, quando muitos padecem?
2. Quais as causas que nos levam à desigualdade social, ao crescimento da miséria, à falta de atendimento de saúde a todos?
3. Que nova visão de economia nos ensinam Francisco e Clara de Assis? Podemos transmiti-la aos outros também?
4. Será que estão morrendo práticas de egoísmo, exclusão e individualismo? Será que estão renascendo práticas de solidariedade, consciência da fragilidade humana e revisão do sentido de nossas vidas?
5. Será que pode renascer uma nova economia, neste mundo em que estamos repensando tudo neste tempo de pandemia? Que economia queremos? Como contribuirmos para esta nova economia, que inclui os pobres e excluídos e a gratuidade é um valor para todos?



COMO FRANCISCO DE ASSIS

pode nos ajudar
em nossos problemas **hoje?**

No tempo de São Francisco, se explorava com altos juros. O pai de S. Francisco, rico comerciante, tinha essa prática.



Hoje, as bancos repetem isso, e cobram elevados juros.



No Brasil, cartão de crédito cobra até **320%** de juros/ano. E.U.A. **apenas 20%**!

Compra a prazo, no Brasil, **100%** de juros/ano. Europa, **menos de 13%**!

60 MILHÕES de brasileiros endividados!



FAMÍLIA

O Estado paga **40%** da sua receita em juros aos bancos!



ESTADO

BANCO
suga em juros **R\$ 1 trilhão** do Estado + **R\$ 1 trilhão** de empresas e famílias. = **CRISE BRASILEIRA**

Cresce o número de bilionários no Brasil que lucram só com a **exploração dos juros** pagos pelo povo.

Pequenas empresas pagam **50%** de juros/ano pelos empréstimos. Europa, só **2%**!



EMPRESA

#DENÚNCIA

fonte: www.dowbor.org www.auditariaciadaa.org.br



Francisco nos ensina a partilha e o cuidado aos mais frágeis. Somos todos filhos do mesmo Pai, somos todos irmãos.

#PARTILHA



"Enquanto o nosso sistema econômico ainda produzir uma só vítima, e houver uma só pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade." (Papa Francisco)

Vamos, Francisco! Levar ao mundo uma nova economia justa, sustentável, inclusiva e ecológica!

ECONOMIA de FRANCISCO

#AÇÃO



REFLEXÕES SOBRE O "VIVER COM" (RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA FAMÍLIA E FRATERNIDADE)

Por: Jamille Mateus Wiles
Psicóloga Clínica e Escolar/Educacional
Mestra em Psicanálise, Clínica e Cultura

CON.VI.VER

Viver em proximidade. Compartilhar o mesmo espaço; coexistir (Dicionário Houaiss).



Eis que o convite à escrita sobre as relações interpessoais no ambiente familiar e fraterno chega exatamente no momento em que estamos todos convocados a nos afastarmos do convívio em nossos grupos e permanecermos em casa. O objetivo: não apenas nos protegermos da contaminação pelo vírus covid-19, mas, sobretudo, priorizarmos o bem-estar coletivo, ao prevenir sua maior disseminação em nossas comunidades. Por outro lado, ao nos

afastarmos da convivência com nossos colegas de trabalho, amigos, familiares e outras pessoas de nossas convivências diárias, nos aproximamos fisicamente de forma muito mais intensa daqueles que habitam a mesma casa e/ou passamos mais tempo sozinhos.

O afastamento social temporário e a proximidade familiar certamente abrem espaço à reflexão sobre o papel fundamental de nossas relações em nossa subjetividade e

as implicações das formas como vivenciamos estas relações na construção de estratégias de enfrentamento de desafios como os de então. Muitos têm sido os modos de buscar a proximidade daqueles que amamos diante do distanciamento indesejado: contatos telefônicos ou virtuais que certamente não dão conta de nossa necessidade de convívio com o outro. Já a intensidade da convivência nas casas ou momentos de solidão podem trazer consigo conflitos e sentimentos confusos, nos convocando a refletir sobre o valor que damos à presença, sobre nosso investimento

emocional e de tempo em nossas relações mais próximas, assim como sobre o tempo dedicado ao autocuidado.

O momento, mais do que nunca, nos convida a pensarmos em como está o nosso viver com, como está o nosso viver juntos; e é sobre isso que te convido a pensarmos. Este escrito não traz respostas ou receitas às relações interpessoais, mas propõe reflexões que buscam contribuir com a construção pessoal e no tempo singular de cada um.

O CUIDADO NAS RELAÇÕES

“O Crisóstomo disse ao Camilo: todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós.” (Valter Hugo Mãe - O Filho de Mil Homens).



A partir dos trabalhos de Freud (criador da psicanálise), aprendemos que, desde o nascimento, os laços estabelecidos com o outro no decorrer de nossa vida nos subjetivam e nos tornam humanos. O cuidado e o laço estabelecido com o outro possibilitam, para além da sobrevivência física, um sentimento de confiança e de segurança imprescindíveis ao enfrentamento dos diversos desafios pelos quais o sujeito passará por toda sua existência. Nesse sentido, são as nossas relações e o cuidado do outro que nos constituem como pessoas e que nos ajudam a enfrentar as adversidades da vida.

Entretanto, temos sido pouco preparados para cuidar e para prestar atenção no outro e recuperar essa capacidade para o cuidado é uma tarefa urgente. Diante de tantos exemplos de

disputas de poderes, de violências, de busca de benefícios próprios em detrimento do outro e de desrespeito e intolerância às diferenças, tornam-se urgentes iniciativas de cuidado, de comunidade, de solidariedade, de conexão, de diálogo e de empatia. Por outro lado, o cuidado ao outro implica um exercício anterior, o do cuidado de si, pois não é possível cuidar do outro sem antes cuidar de si mesmo.

A COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES

A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, disse eu? Mas como é difícil! (Mário Quintana).

Nossas relações também carregam consigo uma série de conflitos, mal-entendidos e dificuldades. Muitas vezes, buscamos negar ou evitar tais conflitos, ainda que estes também sejam fundamentais para nossa formação e construção pessoal. Dominic Barter, criador dos círculos restaurativos no Brasil, refere que só existem conflitos em relações que valem a pena. Ao afirmar isto, Dominic aponta que o conflito surge para nos avisar que algo precisa ser pensado ou atualizado naquele relacionamento. Assim, o conflito nos tira da zona de conforto, mas também contribui para a nossa aprendizagem, nos convidando a ampliarmos nosso olhar e escuta para além de nossas próprias ideias, tolerando a possibilidade de conviverem com ideias diferentes das nossas.



Dominic Barter estudou com Marshall Rosenberg, psicólogo americano que criou a teoria da Comunicação não violenta. A Comunicação não violenta, também conhecida como CNV, se propõe a contribuir com a conexão entre as pessoas através da expressão e escuta de sentimentos, necessidades e pedidos, culminando em uma comunicação mais empática.

A empatia, baseada neste entendimento, muito mais do que se colocar no lugar do outro (a partir de nós mesmos e de nossos sentimentos e necessidades), diz respeito à busca de conexão com os sentimentos e necessidades do outro (a partir do exercício de aproximação da perspectiva do outro). Ou seja, propõe-se sair da lógica da regra de ouro “trates o outro como tu gostarias de ser tratado” para a lógica do “trate o outro como o outro gostaria de ser tratado”.

Para exemplificar a comunicação não violenta, utiliza-se a metáfora da girafa e do chagal. Para a comunicação empática, a serviço da vida, utiliza-se como símbolo a figura da girafa, animal de maior coração entre os animais terrestres, além do grande pescoço, que a permite ver além. Já o chagal, animal predador, representa a linguagem de pouca conexão e compreensão, baseada em julgamentos moralistas, exigências e vitimizações. Através dessa simbologia, Rosenberg sugere a escuta ao outro “a partir do coração”, buscando, através do diálogo, maior conexão. Isso não significa que não podemos sentir raiva, por exemplo, mas na possibilidade de expressarmos nossos sentimentos e necessidades considerando também os do outro, evitando julgamentos e atitudes violentas, os quais geram desconexão nas relações.

CONCLUSÕES...

Este texto buscou contribuir com reflexões a respeito do convívio - com o outro e de cada um consigo mesmo. Salientou-se que as nossas relações têm implicações importantes sobre nossas vivências e sobre os modos como nos posicionamos diante de desafios, assim

como apontou a dimensão do cuidado como uma questão importante a ser inserida em nosso dia a dia. Além disso, apontou-se a importância da não evitação do conflito na aprendizagem para as relações e nas ideias da comunicação não violenta como contribuição ao exercício da empatia e da busca por conexão.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

- Quais estão sendo os aprendizados sobre as nossas relações interpessoais, a partir das experiências de isolamento social em prevenção à disseminação do vírus covid-19?
- Como está o investimento de cada um e de cada uma em momentos de autocuidado?
- De que forma pode-se construir e transmitir, individualmente e coletivamente, a cultura do cuidado?
- Estamos dando espaço à experiência do conflito em nossas relações?
- Como podemos buscar conexão com o outro, mesmo diante de um conflito?

MATERIAIS COMPLEMENTARES:

- Vídeo “Introdução à Comunicação não violenta” - Marshal Rosenberg - <https://www.youtube.com/watch?v=DgAstHY2KNA>
- Entrevista “Nossa cultura tem medo do conflito” - Dominic Barter - <https://apublica.org/2019/06/dominic-barter-nossa-cultura-tem-medo-do-conflito/>
- Vídeo “Empatia X simpatia” - <https://www.youtube.com/watch?v=7BTwwVBrwE>
- Portal “Colibri - Polinize” - <https://colabcolibri.com/polinize/>
- Jogo “GROK” - <https://colabcolibri.com/loja/jogo-grok/>

REFERÊNCIAS:

- Barter, D. (2017). A cultura esqueceu o diálogo. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/conhecimento-transforma/noticia/2017/09/a-cultura-esqueceu-o-dialogo-diz-especialista-em-mediacao-de-conflitos-cj86875vb00bh01pdeakvo973.html>
- Figueiredo, L. C. (2012). As diversas faces do cuidar. São Paulo: Escuta.
- Foucault, M. (2004). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In M. Foucault, Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Rocha, Z. (2013). Para uma clínica psicanalítica do cuidado. Tempo psicanalítico, 45(1), 453- 471.
- Rosemberg, M. (2006). Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos interpessoais e profissionais. São Paulo: Agora.



Quer conhecer mais a OFS? Acesse:

www.ofs.org.br